

A FORMAÇÃO BÍBLICO-ESPIRITUAL DOS LEITORES



Encontro 2

0. LECTIO DIVINA (anexo)

- **Invocação** do Espírito Santo
- **Leitura** de Rm 10, 14-17
- **Meditação**
- **Oração** a partir de 1 Cor 13, 1-13
- **Contemplação**

1. A PALAVRA DE DEUS NA VIDA DOS LEITORES

No primeiro encontro, afirmámos sinteticamente que o leitor deve ter pelo menos um conhecimento mínimo da Bíblia: estrutura, composição, número e nome dos livros do Antigo e Novo Testamentos, seus principais géneros literários (histórico, poético, profético, sapiencial etc.). Quem vai ler na Missa precisa saber o que vai fazer e que tipo de texto vai proclamar. Para isso, de muita ajuda serve, na Bíblia, a introdução a cada livro.

Antes de afirmarmos a importância da formação litúrgica dos leitores (que ficará para uma próxima ocasião), convém atermo-nos à importância de uma vida espiritual que assente na sua familiaridade com a Palavra de Deus presente na Sagrada Escritura.

O empenhamento pedido ao que serve como leitor é estar consciente de que a liturgia é uma ação comunitária, em que há lugar para diversos ministérios cuja unidade nos faz perceber o povo reunido para louvar o Senhor da vida. Pode acontecer, porém, que possa servir como forma de exibição e promoção.

Pode acontecer que a Palavra de Deus que o leitor vai “proclamar” lhe passe ao lado e por cima daqueles que o vão escutar, parecendo uma espécie de sinos que soam mais ou menos alto, não acontecendo nenhuma ressonância espiritual concordante com o Mistério que se está a proclamar. Pode até acontecer que, mesmo como *bibelots*, se saiba articular todas as sílabas e as consoantes, sendo ainda possível a assembleia perceber que tem diante de si um ator que diz coisas bonitas, mas que não passam pela sua vida. E a Bíblia existe para fazer chegar

a salvação ao coração e à vida das pessoas. É esse o objetivo, a começar no coração do leitor.

Para evitar estas situações teatrais que fazem dos leitores umas máquinas e não porta-vozes da Palavra do Senhor que é Palavra da Salvação (estamos a pensar não apenas nos leitores leigos, mas também nos diáconos e presbíteros que proclamam o Evangelho!), pensa-se que será de particular importância proporcionar um momento para que o leitor, a quem é confiado proclamar a Palavra de Deus, entre em si e se confronte com ela. Apenas pretendemos dar uns tópicos para reflexão a pessoal que tenha reflexo concreto no modo de proclamar a Palavra de Deus.

1.1. O contacto com a Bíblia

O contacto com a Bíblia é a chave para uma proclamação eficiente. Se alguém nos perguntasse que uso fazemos da Bíblia ou que significado tem nas nossas vidas, que resposta daríamos?

Para ampliar este significado é bom — para além de termos a própria Bíblia nas mãos — regressarmos ao Concílio Vaticano II, em 1966, quando, com a preocupação da renovação da Igreja, se procurou dar um rosto novo às comunidades cristãs a partir da tradução da Palavra de Deus em vernáculo (língua materna dos seus destinatários) e um mais amplo lugar da Palavra na Liturgia, para se ser sinal de Deus a chegar à vida concreta das pessoas.

1.2. A escuta pessoal da Palavra de Deus

O Concílio Vaticano II fez uma afirmação polémica, a partir da Constituição Dogmática *Dei Verbum* (de difícil aprovação entre os bispos!): «A Igreja venerou sempre as divinas Escrituras como venera o próprio Corpo do Senhor, não deixando jamais, sobretudo na sagrada Liturgia, de tomar e distribuir aos fiéis o pão da vida, quer da mesa da palavra de Deus quer da do Corpo de Cristo» (DV 21).

Desta forma, a Igreja “atirou” a Palavra de Deus — fechada à compreensão dos fiéis por muitos séculos — para o mundo das pessoas e mais concretamente para a vida e ação dos cristãos.

A escuta pessoal da Palavra de Deus é, pois, uma exigência sem a qual pode acontecer aquele encontro que o Papa Francisco

descreve como fonte da «alegria que se renova e se comunica» e que é o “motor” da nova evangelização (*EG* 1-2).

Assim, o leitor que incarna a Palavra de Deus na sua vida é uma das formas que Jesus Cristo tem para chegar às outras pessoas, especialmente aquelas que não frequentam a assembleia litúrgica.

1.3. A Palavra de Deus e a “liturgia da vida”

Frequentemente temos a sensação de que a Palavra de Deus continua distante da vida, consistindo num dos pecados da nossa Igreja. Andamos com preocupações da renovação da vida pastoral (e muito neste campo já foi feito), mas sem conceder à Palavra de Deus o “título” que lidera ou motiva essa mesma renovação.

Insiste, pois, o Concílio: «Sempre as considerou (as Escrituras), e continua a considerar, juntamente com a sagrada Tradição, como regra suprema da sua fé; elas, com efeito, inspiradas como são por Deus, e exaradas por escrito duma vez para sempre, continuam a dar-nos imutavelmente a palavra do próprio Deus, e fazem ouvir a voz do Espírito Santo através das palavras dos profetas e dos Apóstolo» (*DV* 21).

1.4. A Palavra é também o «pão nosso de cada dia»

«É preciso, pois, que toda a pregação eclesial, assim como a própria religião cristã, seja alimentada e regida pela Sagrada Escritura. Com efeito, nos livros sagrados, o Pai que está nos céus vem amorosamente ao encontro de Seus filhos, a conversar com eles; e é tão grande a força e a virtude da palavra de Deus que se torna o apoio vigoroso da Igreja, solidez da fé para os filhos da Igreja, alimento da alma, fonte pura e perene de vida espiritual» (*DV* 21).

O Pão que — com a força do Espírito Santo que atualiza a ação de Cristo na Igreja — o sacerdote consagra sobre o altar é a mais excelente (porque o «topo da criação»; cf. *LS* 236), mas não a única forma de presença divina que alimenta, sendo, também, a Palavra que diariamente nos é servida na Liturgia como “pão” quotidiano. O D. António Couto, numa catequese sobre o Evangelho segundo S. Marcos, ousa referir-se à presença de Cristo

que se pode experimentar, inclusivamente, na posse de todos os bens essenciais à vida humana (desde a saúde àqueles bens que livram o ser humano da miséria que fere a sua dignidade).

1.5. Alimento perene que incomoda

É curioso que, apesar de ser a obra mais traduzida e impressa da história, a Bíblia continue a incomodar alguns considerados “poderosos” da terra. Talvez seja porque se atribuem à Sagrada Escritura as seguintes palavras: “A palavra de Deus é viva e eficaz” (Hebr 4,12), “capaz de edificar e dar a herança a todos os santificados” (Act 20,32; cfr. 1 Tess 2,13)» (DV 21).

1.6. Fundamento dos evangelizadores com Espírito

Os evangelizadores com Espírito são aqueles que, segundo o Papa Francisco, se abrem sem medo à ação transformadora do Espírito Santo, que anunciam a Boa Nova, não só com palavras mas sobretudo com uma vida transfigurada pela presença de Deus que fala através das Escrituras (cf. EG 259).

2. A LECTIO DIVINA COMO MÉTODO DE CONTACTO COM A BÍBLIA

Hoje, Cristo continua a fazer maravilhas nos que escutam, não só quando nos juntamos em assembleia litúrgica, como quando para fazer a leitura orante da Palavra de Deus. Num apontamento muito breve, enunciam-se a seguir os princípios que fazem parte da *Lectio Divina* ou Leitura Orante da Bíblia. A Igreja — e nela especialmente os monges —, até ao século XII, praticaram esta forma de se aproximar da Escritura, entendendo que lá era Deus que falava.

Por isso, pegavam no texto da Bíblia e procuravam:

1. Depois da invocação do Espírito Santo, *ler o texto no seu contexto*, na sua realidade, tentando descobrir nesse texto, nessa Palavra, o que lá está dito sobre Jesus Cristo, sobre a pessoa, sobre a humanidade. O que é que lá está dito. Ler o texto com calma.

2. Depois *fazer perguntas ao texto*: o que é que esse texto que eu li agora e que fala de Jesus Cristo, que fala de pessoas, me diz a mim, qual é a atualidade deste texto para mim?
3. A partir desta atualidade, *rezar o texto, rezar com o texto*, rezar ao Pai, falar da vida, das ruínas, das tragédias, das calamidades, das alegrias e tristezas. Falar... se for preciso com a ajuda do Livro dos Salmos!
4. E finalmente, *contemplar*, entrar na intimidade com Deus através deste texto, de forma que me sinta impelido/a a "governar" a minha vontade para uma melhor ação.

Assim se inculcava, a partir deste método, uma veneração concreta (e não de "amor platónico") da Sagrada Escritura, com a necessidade de entrar em contacto com Deus pela Palavra, que se prolongava num discernimento espiritual capaz de fazer surgir aquela humanidade nova que o mundo precisa para o Reino.

3. O LECIONÁRIO DO TEMPO PASCAL

Mesmo que o sentido imediato e próprio de cada texto bíblico seja invariável e definitivo, alheio a qualquer manipulação caprichosa, é certo que o mesmo texto, em virtude dos seus aspetos colaterais e até secundários, adquire coloridos e ressonâncias distintas segundo o contexto festivo em que for lido. Nesse sentido, a festa ajuda a interpretar o texto bíblico. Mas também acontece o contrário, pois os textos bíblicos selecionados para uma determinada festa, interpelam-na e definem-na. Encontramo-nos, pois, perante um fenómeno de recíproca interação e interdependência, que acontece com os textos bíblicos de todos os tipos de celebração (da Palavra, dos Sacramentos, etc.) e em especial nas leituras da Missa.

3.1. O perfil de cada domingo a partir das leituras

Nos quadros seguintes traça-se o perfil do Lecionário da Páscoa e da Quaresma, como motivação para a *lectio* da Palavra.

– Nos domingos da “quingagésima” (da Páscoa ao Pentecostes):

<i>Domingo</i>	<i>Ciclo B</i>	<i>Perfil</i>
1º (Páscoa)	Act 10, 34 Col 3, 1-4 ou 1Cor 5, 6-8 Jo 20, 1-9	As leituras de hoje não exigem reflexões profundas nem moralizantes. O que reclamam da assembleia é um grito jubiloso, proclamando que Cristo vive, que ressuscitou, que venceu a morte.
2º	Act 4, 32-35 1Jo 5, 1-3 Jo 20, 19-31	Em redor do Ressuscitado, surgiu uma comunidade de crentes que celebra a sua memória e o reconhece vivo e presente ao partir o pão. Eles são suas testemunhas.
3º	Act 3, 13-19 1Jo 2, 1-5 Lc 24, 35-48	A experiência das aparições do Ressuscitado converte os discípulos em testemunhas de ressurreição e infunde-lhes a ousadia necessária para O anunciarem e para darem testemunho da sua mensagem.
4º	Act 4, 8-12 1Jo 3, 1-2 Jo 10, 11-18	O tema do Bom Pastor centraliza hoje o interesse das leituras evangélicas em todos os ciclos. Ele dá a vida pelas ovelhas, entrega-se-lhes e alimenta-as. Essa é a sua dimensão pascal.
5º	Act 9, 26-31 1Jo 3, 18-24 Jo 15, 1-8	A comunidade dos discípulos dota-se a si mesma de ministros que cuidem e atendam as necessidades dos fiéis. Para ter parte na páscoa do Senhor, é preciso viver unidos a Ele no amor.
6º	Act 10, 25-48 1Jo 4, 7-10 Jo 15, 9-17	A alma da comunidade é o Espírito. Ele é derramado sobre os eleitos pela imposição das mãos, inspira-os para que anunciem a mensagem e dá-lhes força para serem testemunhas.
Ascensão	Act 1, 1-11 Ef 1, 17-23 Mc 16, 15-20	Para além da montagem pedagógica de Lucas ao contar-nos a ascensão, o que importa é confessar que Jesus venceu a morte e que foi glorificado pelo Pai, agindo em conformidade com essa fé.
Pentecostes	Act 2, 1-11 Gl 5, 16-25 Jo 15, 26-27; 16, 12-15	É o Espírito, derramado sobre os apóstolos no Pentecostes, quem conserva a comunidade unida, quem a anima no seu percurso histórico e quem a transforma em corpo de Cristo.

– Os domingos da quaresma

<i>Domingo</i>	<i>Ciclo B</i>	<i>Perfil</i>
1º	Gn 9, 8-15 1Pe 3, 18-22 Mc 1, 12-15	Este domingo é caracterizado, fundamentalmente, pelo episódio das tentações de Jesus no deserto. É um bom marco para orientar a quaresma. A 1ª leitura situa-nos no início da história da salvação.
2º	Gn 22, 1-18 Rm 8, 31-24 Mc 17, 1-8	Neste domingo, o interesse é a polarização pelo episódio da transfiguração. A 1ª leitura, por sua vez, ao percorrer a história da salvação, fixa a atenção em Abraão, personagem-chave dessa história.
3º	Ex 20, 1-17 1Cor 1, 22-25 Jo 2, 13-25	O texto evangélico inicia a celebração deste conjunto de três domingos com clara referência batismal e, ao mesmo tempo, pascal. A história da salvação centra-se hoje em Moisés.
4º	2Cr 33, 14-23 Ef 2, 4-10 Jo 3 14-21	A leitura evangélica deste domingo chama a atenção para o cego de nascença. Exprime a passagem das trevas para a luz. Um tema ao mesmo tempo batismal e pascal. A 1ª leitura fixa-se hoje especialmente no rei David.
5º	Jr 31, 31-34 Hebr 5, 7-9 Jo 12, 20-37	Último domingo da quaresma. O próximo é já o dos Ramos. A catequese batismal, assegurada pela leitura evangélica, falamos hoje sobre a ressurreição de Lázaro. Mensagem: triunfo da vida sobre a morte.

3.2. Um apoio à preparação de leitores:



De Casa para o Ambão...

<http://decasaparaoambao.wordpress.com>